

Nova Avaliação de Wang Bo e do Primeiro Acordo Sino-Português

TAN SHIBAO E CAO GUOQING*

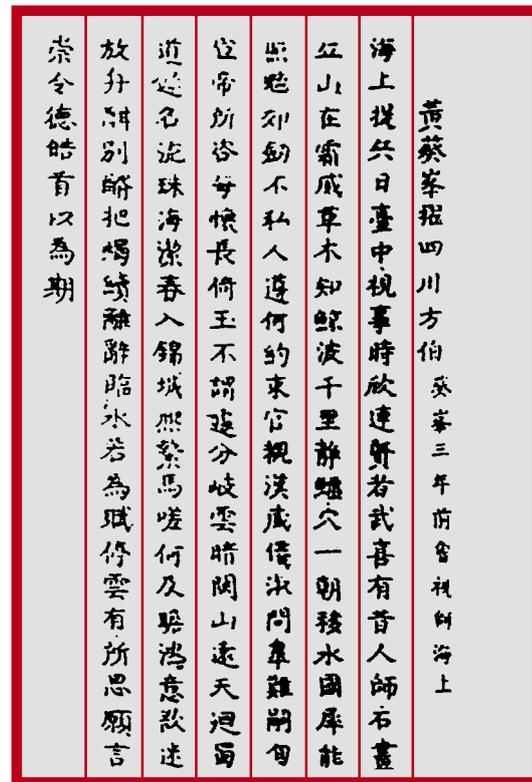
INTRODUÇÃO

Na história do estabelecimento da cidade de Macau, Wang Bo [汪柏] foi uma figura muito importante, por ter feito, na qualidade de subintendente marítimo [haidao fushi, 海道副使] em Guangdong [广东], o “primeiro acordo sino-português” com Leonel de Sousa, o qual permitiu a entrada dos portugueses que respeitassem as leis chinesas nos portos abertos de Guangdong, incluindo Macau, para viverem e efectuarem actividades comerciais normais.

Entretanto, nos estudos e ensaios existentes, Wang Bo tem sido, na maioria dos casos, descrito como um mandarim corrupto e vilão, sendo por isso criticado e repudiado.¹ Há uns livros relativos à história de Macau, surgidos nos últimos anos, que se rotulam de “autênticos e rigorosos”, e que não vacilam em usar descrições vívidas e pormenores inventados,

*[曹国庆] Mestre em História (1986, Universidade Pedagógica de Jiangxi), investigador da Academia das Ciências Sociais da província de Jiangxi [江西], director adjunto do Instituto de Estudos Históricos da mesma Academia.

M.A. in History (1986, Jiangxi Pedagogical University), researcher at the Academy of Social Sciences, in Jiangxi [江西] Province, assistant director of the Institute of Historical Studies at the same academy.



Poesia escrita por Wang Bo sobre as operações militares por ele comandadas no mar.

chegando a dizer que Wang Bo era um eunuco ambicioso e mesquinho, descrevendo detalhadamente um processo de nada menos de cinco anos em que Wang aceitava suborno dos portugueses, classificando-o como o arqui-criminoso que vendeu a soberania de Macau.²

Felizmente, já há eruditos que começaram a notar o desvio nos estudos sobre Wang Bo e destacaram a necessidade de uma nova avaliação da posição e do papel deste mandarim na história. Por exemplo, um dos autores do presente artigo, Dr. Tan Shibao [谭世宝], assinala num recente artigo: “A entrada dos portugueses em Macau não resultou da corrupção dos mandarins, como a maioria dos ensaístas alegam, mas sim de uma correcta decisão política do governo da dinastia Ming, baseada no conhecimento de si mesma e da outra parte, bem como na avaliação dos prós e contras. Foi nestas circunstâncias que se realizou a primeira negociação de paz sino-portuguesa entre Wang Bo e Leonel de Sousa, que pôs fim às hostilidades entre as duas partes e possibilitou a entrada dos comerciantes portugueses, que observassem as leis, no número dos comerciantes estrangeiros que negociavam

A FUNDAÇÃO DE MACAU



Em cima, uma imagem do rio Chang, em Xiatian, antigo distrito de Fuliang (actual cidade de Jingdezhen), e dois templos ancestrais da aldeia natal de Wang Bo.

Na página seguinte pode ver-se o portão das traseiras da antiga residência bem como (à direita) um aspecto da casa que Wang mandou construir para o seu irmão mais novo.

amigavelmente com os chineses.” O Dr. Tan Shibao acrescenta que a compreensão da pessoa de Wang Bo, assim como da sua posição e papel positivos na história do estabelecimento da cidade de Macau, está à espera de novos estudos dos colegas dos círculos académicos, de acordo com novos materiais a serem descobertos, para avaliá-los sob o ponto de vista positivo e evolutivo, a fim de encontrar a verdade.³

Este artigo constitui o resultado da resposta e cooperação com outro autor, Cao Guoqing [曹国庆], e dos estudos conjuntos dos dois sobre este problema. Esperamos que a presente investigação desperte o interesse de muito mais colegas e que estes participem da discussão.

Como não se encontram biografias específicas de Wang Bo e de muitas outras figuras concernentes na *História da Dinastia Ming* [Ming Shi, 《明史》], e nem os estudos do passado se dedicaram à biografia de Wang Bo, a maioria dos ensaístas dos últimos decénios tem citado de Guo Fei [郭斐] dados parciais ou incorrectos da sua *Crónica Geral de Guangdong* [Guangdong Tong Zhi, 《广东通志》], e de Zheng Shungong [郑舜功] na sua obra *Um Olhar sobre o*

Japão [Ribei Yi Jian, 《日本一鑑》], assim como de ensaístas ocidentais, chamando-o assim de “corrupto” e não cessando de repetir tal crítica infundadamente fortalecida. Com o objectivo de repor a verdade sobre a acção positiva de Wang Bo na História, e socorrendo-nos de alguns dados ainda desconhecidos ou negligenciados nestes círculos, este artigo discutirá principalmente as seguintes questões:

1. A personalidade de Wang Bo;
2. O acordo entre Wang Bo e Leonel de Sousa, e
3. Dúvidas sobre a corrupção de Wang Bo e a sua venda de Macau aos portugueses.

SOBRE A PERSONALIDADE DE WANG BO

Para facilitar a discussão e conhecer as linhas gerais da vida de Wang Bo, citamos aqui a *Biografia de Wang Bo* [Wang Bo Zhuan, 《汪柏传》], no *Registo Geral de Jiangxi* [Jiangxi Tong Zhi Gao, 《江西通志稿》], escrita por Wu Zongci [吴宗慈] do período da República Nacionalista:

“Aprovado como Jinshi [进士] no exame imperial

THE FOUNDING OF MACAU



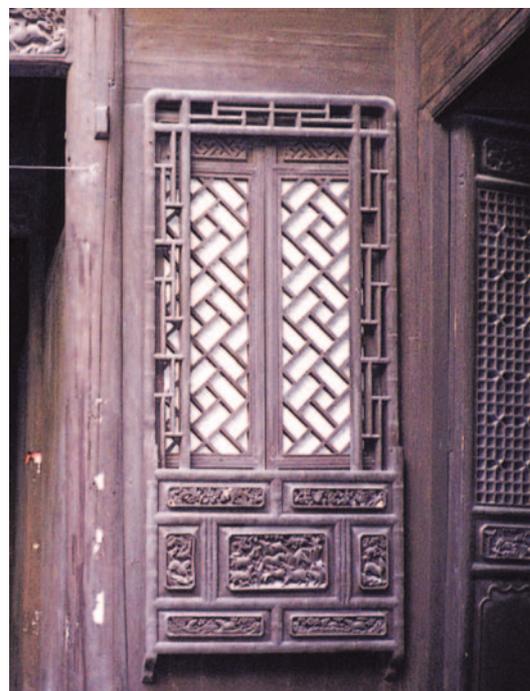
do reinado Jia Jing [嘉靖], Wang Bo ou Wang Tingjie [汪廷节] foi nomeado membro do Conselho Dali [大理] e depois promovido para o cargo de responsável da administração dos ritos, banquetes e alimentação da corte [guang lu si chen, 光祿寺丞]. Devido às suas excelentes qualidades intelectuais e morais, foi tido em alta consideração por Xia Yan [夏言], membro da Grande Academia Imperial, sendo promovido ao cargo de subintendente marítimo de Guangdong. Nessa altura, um grande pirata de apelido Ho perturbava e arruinava o local; Wang Bo conseguiu prendê-lo, não beneficiando nada dos bens confiscados. Depois disso, Wang foi promovido a governador civil [buzhengshi, 布政使] em Zhejiang [浙江]. Onde quer que estivesse durante sua carreira burocrática, demonstrava boa moral e desinteresse por luxo e prazeres. Distribuiu os vencimentos acumulados entre os seus irmãos.” (Colectânea das Obras de Qing Feng [青峰].⁴)

Outros documentos, como *Grande Cronologia da Província de Jiangxi* [Jiangxi Sheng Da Zhi, 《江西省大志》], de Wang Zongbing [汪宗沐], redigida durante o reinado de Wan Li [万历], *Registo Geral de Jiangxi*, de Yu Chenglong [于成龙], reinado de Kangxi

[康熙], *Registo Distrital de Fuliang* [Fuliang Xian Zhi, 《浮梁县志》], de Chen Yu [陈育] e *Registo Distrital de Fuliang*, de Cheng Tingji [程廷济], ambas do reinado de Qianlong, têm um ponto em comum, isto é, afirmam e enaltecem as qualidades intelectuais e morais de Wang Bo.

Segundo dados ao nosso alcance, Wang Bo, Wang Tingjie ou Wang Qingfeng [汪青峰], nasceu em Xiatian [下田 ou 夏田], no distrito de Fuliang [浮梁, actual cidade de Jingdezhen, 景德镇], da região de Yaozhou [饶州], província de Jiangxi [江西]. Aos 19 anos de idade, foi aprovado como *Juren* [举人] no exame imperial do 10º ano Jia Jing (1531), e tornou-se *Jinshi* no 17º ano do mesmo reinado (1538). Segundo a *Estela da Lista dos jinshis das Dinastias Ming e Qing*, o nome de Wang Bo estava nas primeiras três categorias, ficando no 313º lugar. Quem presidiu ao exame foi Gu Tingchen [顾鼎臣] e Zhang Bangqi [张邦奇], altos funcionários respectivamente do Ministério dos Ritos e do Ministério dos Funcionários da Corte. Dentre os *jinshis* do mesmo exame, destacaram-se, por influência ou êxito, outras figuras tais como Mao Zan [茅瓚], Yuan Wei [袁炜], Hu

A FUNDAÇÃO DE MACAU



Local da residência original de Wang Bo, em Xiadian, e um aspecto do salão. O edifício foi construído durante os anos Jia Jing, entre 1522 e 1566, da dinastia Ming. Com uma superfície de 27966 metros quadrados, a residência era constituída por um pátio central rodeado de construções de arquitectura típica da época dos Ming.

Zongxian [胡宗宪], Mao Kun [茅坤], Ding Yizhong [丁以忠] e Shen Lian [沈炼].

Wang Bo tinha talento literário e mantinha grande amizade com Xia Yan, membro da Grande Academia Imperial, eis um facto conhecido por muitas figuras, tanto dentro como fora da corte. Muitos artigos de Xia Yan para fins cerimoniais foram escritos por Wang Bo. Jin Da [金达], amigo de Wang Bo quando criança, e que ocuparia alto cargo na Escola Superior Imperial de Nanjing, analisou Wang Bo nestes termos:

“Ting Jie (Wang Bo) tinha conhecido Xia Yan, primeiro-ministro do império. Diz-se que as mensagens de congratulações deste pela passagem do Ano Novo ou de outras ocasiões cerimoniais eram escritas, na maioria dos casos, por Ting Jie. Admiradores do nome de Ting Jie, muitos intelectuais e homens de influência pretendiam fazer amizade com ele e pedir-lhe conselhos.”

No epílogo escrito para a *Colectânea das Obras de Qing Feng*, o neto de Wang Bo dizia: “Inteligente sem precedentes, ele era mestre em obras clássicas e história. Sem fazer rascunho, terminava rapidamente um artigo de mil caracteres. As mensagens de

felicitações trocadas entre os mandarins da corte ou as homenagens aos antepassados eram escritas por ele. As suas poesias demonstram a honestidade e a paz, e os seus ensaios encarnam o seu realismo, e, para ele, qualquer bajulação ou jactância era contrária à sua lógica”.⁵

Numa poesia em resposta a Xia Yan, Wang Bo escreveu:

*O primeiro-ministro entra outra vez no seu palácio,
Honesto, resistiu às cartas de dez mil caracteres
Até as crianças do império admiram a sua
honestidade
O imperador lê-o na corte.
Sustenta o céu como coluna formada por pedras
de cinco cores
Protege a terra como os seis imortais.
Os transeuntes no dique comentam o senhor
Como o divino Qi Lin que desce do céu.*⁶

Entretanto, na amizade com Xia Yan, Wang Bo nunca pretendeu promoção na carreira, pois a amizade entre eles era simplesmente de relações entre

THE FOUNDING OF MACAU

cavalheiros. Os dois eram conterrâneos, mas Xia Yan gostou de Wang Bo apenas pelas suas qualidades morais e intelectuais, enquanto este respeitava o seu conterrâneo mais velho pela sua honestidade, franqueza e coragem. Mao Kun, colega de Wang Bo e famoso erudito da dinastia Ming, comentou a amizade entre os dois nestes termos:

“Na altura, o primeiro-ministro (Xia Yan) admirava o talento do senhor (Wang Bo), pensava em promovê-lo para altos cargos, mas este desistiu sob o pretexto de enfermidade e voltou para casa onde ficou sem pôr o pé fora, alegando que estava em convalescença.”

Justamente por isso, ele nunca se arrependeu dos “mais de dez anos de vida fora da carreira burocrática”.⁷

Na sua carreira de mandarim, ocupou importantes cargos em Guangdong por duas vezes. Na primeira, entre o 32º ano Jia Jing (1553) e o 34º ano do mesmo reinado (1555 ou princípios de 1556), foi nomeado inspector-adjunto de Guangdong (mandarim de quarta categoria), encarregado da defesa marítima. Na segunda, entre 36º ano (1557) e 38º ano do mesmo reino (1559), assumiu o cargo de inspector de Guangdong (mandarim de terceira categoria). Como os dois mandatos estavam próximos e ele funcionava no mesmo palácio, alguns ensaístas diziam que Wang Bo havia trabalhado ininterruptamente em Guangdong entre o 32º ano e o 36º ano do mesmo reinado. Trata-se de um mal-entendido, pois no 35º ano Jia Jing (1556) foi transferido para o cargo de conselheiro da administração de Zhejiang [浙江] (mandarim de terceira categoria) onde serviu mais de um ano. No 36º ano (1557), voltou a Guangdong onde serviu durante mais três anos.

Alguns ensaístas sustentam que foi Xia Yan que promoveu Wang Bo para o cargo de inspector-adjunto de Guangdong,⁸ enquanto outros assinalam que a nomeação foi proposta por Lin Fu [林富], governador de Guangdong e Guangxi [广西].⁹ Ambas as afirmações são falsas. Isto porque, em Outubro do 27º ano Jia Jing (1548), Xia Yan havia sido degolado por ordem do imperador Shi Zong [世宗] sendo o seu cargo de primeiro-ministro ocupado pelo seu rival político Yan Song [严嵩]. Para Wang Bo, que havia mantido íntima amizade com Xia Yan, já foi bom não ter sido envolvido neste caso, quanto mais ser promovido por uma pessoa vários anos depois da sua morte. Tão pouco Lin Fu teria podido promover Wang

Bo, pois Lin assumiu o cargo de governador de Guangdong e Guangxi no 7º ano Jia Jing (1528), deixando a carreira burocrática no 11º ano do mesmo reinado (1532). Quem assumiu o cargo de governador de Guangdong e Guangxi no 32º ano Jia Jing foi Ying Jia [应贾], que não devia ter conhecido Wang Bo antes de sua ascensão.¹⁰

Na realidade, Wang Bo assumiu o cargo de inspector-adjunto encarregado da defesa marítima (subintendente da Defesa Costeira) por um motivo casual. Durante os anos Jia Jing, o imperador Shi Zong, da dinastia Ming, iludido por Tao Zhongwen [陶仲文] e outros taoistas fanáticos, entregava-se aos rituais e talismãs taoistas, procurando que os seus ministros tomassem pílulas de imortalidade, dando origem à falta de âmbar cinzento no mercado do país, o que o levou a lançar o olhar para o ultramar, esperando que os mandarins encarregados da defesa marítima obtivessem este produto das mãos dos comerciantes estrangeiros. Como havia servido no Guanglusi [光禄寺], encarregado dos ritos, banquetes e alimentação da corte, assim como dos assuntos relativos à “organização, cálculo das despesas e contabilidade” dessas actividades,¹¹ Wang Bo conhecia naturalmente como resolver a escassez de âmbar cinzento. Além disso, nos seus serviços na corte, ele mostrava-se tão talentoso como An Qisheng [安期生] e Huang Shigong [黄石公], e o novo cargo devia ser uma oportunidade para comprovar a sua competência.¹²

Wang Bo foi um homem de ideias nobres. O cargo de subintendente da defesa marítima pertencia à ordem dos oficiais militares e destinava-se a “combater os bandidos nipónicos e os piratas”, sendo por isso “inconveniente para os intelectuais que ignorassem assuntos militares”.¹³ Nestas funções, Wang Bo tinha por missão fortalecer o controle da defesa marítima e pacificar as águas territoriais. Ao deixar a corte e assumir o cargo de subintendente, ele considerava que ia ter uma oportunidade para realizar o seu ideal e desenvolver o seu talento. Para ele, “o Estado dedicava a maior atenção às fronteiras e às regiões perturbadas por bandidos e piratas, e tinha que seleccionar homens de bom nome e elevada capacidade para tais missões”. “Para administrar bem os assuntos militares e dominar a arte militar, devia estudar e adestrar-se com os maiores esforços, para que, com milhões de soldados bem moralizados, pudesse servir o imperador, combatendo os invasores de fora, apaziguando o vasto território,

A FUNDAÇÃO DE MACAU

eliminando definitivamente as ameaças estrangeiras, e realizando serviços de tal forma meritórios para a corte que o seu nome será citado por gerações e gerações. Não será isto o dever de um verdadeiro homem?”¹⁴ Sobre a situação da província de Guangdong, ele já tinha certo conhecimento: “Guangdong é rica por fora e pobre por dentro. Quem acata ordem do imperador para administrar uma região, deve enriquecer os pobres do local. Se, em vez disso, os pobres não puderem tornar-se abastados e ricos, e os ricos se tornarem pobres, a quem se deve imputar a responsabilidade senão ao mandarim?”¹⁵ Vê-se que ele se atribuiu a si mesmo a missão de enriquecer a província de Guangdong, demonstrando grande ambição de realizar proezas na missão.

No cargo de subintendente marítimo de Guangdong (entre 1553 e 1555 ou princípios de 1556), Wang Bo fez principalmente três trabalhos de transcendental significado histórico:

Primeiro, estabeleceu o “regulamento dos comerciantes forasteiros” segundo o sistema legado da dinastia Song [宋], permitindo as actividades dos agentes comerciais no porto de Guangdong reaberto para o comércio com o exterior, dando origem ao surgimento das treze companhias comerciais de Guangzhou [Guangzhou Shi San Hang, 广州十三行].¹⁶

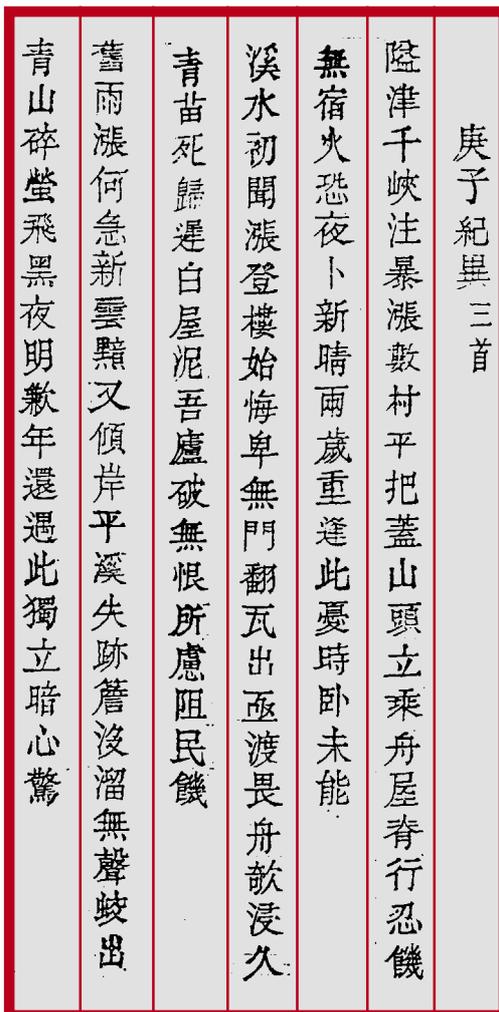
Segundo, esmagou as forças armadas piratas tanto chinesas como estrangeiras (inclusive portuguesas), encabeçadas por He Yaba [何亞八].

Terceiro, realizou a primeira negociação de paz sino-portuguesa com Leonel de Sousa, pondo fim às intensas hostilidades entre as duas partes, de forma a que os comerciantes portugueses que respeitassem a lei chinesa pudessem ingressar no número dos comerciantes estrangeiros que

negociavam amigavelmente com a China.

He Yaba, natural do distrito de Dongguan [东莞], província de Guangdong, junto com Zheng Zongxing [郑宗兴] e outros, haviam entrado em Daniguo [大泥国] para realizar actividades comerciais e, durante os anos Jia Jing, “uniu-se aos barcos estrangeiros e foi às águas adjacentes de Guangdong e às aldeias do litoral” onde, em combinação com os bandidos locais, realizava contrabandos e outras actividades criminosas. Junto com os bandos de piratas de Chen Lao [陈老], Shen Lao [沈老] Wang Ming [王明], Wang Zhi [王直], Xu Quan [徐銓], Fang Wu [方武] e outros, recrutou milhares de homens para saquear nos mares adjacentes das províncias de Fujian [福建], Zhejiang [浙江] e Guangdong, tornando-se num grave problema para a corte. Em Maio do 33º

ano Jia Jing, He Yaba, dirigindo parte dessas forças de piratas, voltou às águas de Guangdong. Segundo ordem da corte, Wang Bo e os comandantes Wang Pei [王沛] e Hei Mengyang [黑孟阳], comandando as forças imperiais em duas frotas, foram aniquilá-lo. “Em Sanzhouhuan [三州环], nas águas de Guangdong, prenderam 119 piratas, entre os quais se encontrava He Yaba, além de matarem 26 outros”. Pouco depois, Xu Quan, Zheng Zongxing, Chen Shijie [陈时杰] e outros piratas também foram aniquilados um após outro. Como consequência, “a situação das ilhas adjacentes ficou apaziguada”.¹⁷ Devido às suas proezas nessas batalhas, Wang Bo foi elogiado pela corte e promovido em um grau na sua carreira.¹⁸ Com isso, a sua reputação na arte militar foi divulgada.¹⁹ Em seguida, devido à escalada das perturbações dos piratas nipónicos na província de Zhejiang, foi transferido para o cargo de conselheiro do inspector de Zhejiang, onde



Registos sobre Wang Bo, nas “Biografias” do *Si Ku Quan Shu* — *Cronologia Geral de Jiangxi*, tomo 90.

THE FOUNDING OF MACAU

ajudou Zhao Wenhua [赵文华] e Hu Zongxian a comandarem as operações contra aqueles piratas.

No 36º ano Jia Jing (1557), Wang Bo foi de novo a Guangdong, assumindo o cargo de inspector. Esta sua promoção deveu-se a dois motivos.

Primeiro, realizou proezas ao participar das operações militares destinadas a aniquilar os piratas nipónicos encabeçados por Xu Hai [徐海], pois, quando estes cercavam e atacavam Tongxiang [桐乡], as tropas governamentais, comandadas por Wang Bo juntamente com o prefeito distrital Zhang Mian [张冕], marcharam de Huzhou [湖州] rumo a Biwuzhen [壁乌镇] para socorrerem os sitiados.

Segundo – como informa o *Registo de Shen Zong da Dinastia Ming* [*Ming Shen Zong Shi Lu*, 《明神宗实录》] –, em Novembro do 35º ano Jia Jing (1556), devido à repressão dos piratas encabeçados por Xu Hai, a corte galardoou Zhao Wenhua, Hu Zongxian, Ruan E [阮鹗] e outros, enquanto Wang Bo, juntamente com Chen Weiju [陈惟举], Ren Huan [任环], Xu Luo [徐洛] e outros mandarins foram promovidos num grau de carreira.²⁰

Terceiro, foi promovido por recomendação de Hu Zongxian. Este, colega de Wang Bo e então no cargo de comandante das forças armadas das províncias de Zhejiang e Fujian, “havia contado com a ajuda de Wang Bo nas operações em que mataram o cabecilha dos piratas e devolveram a paz a estas regiões [...]. O comandante Hu relatou as proezas de Wang Bo ao imperador e este promoveu Wang Bo para o cargo de inspector de Guangdong”.²¹

Quando Wang Bo foi de novo para Guangdong, os amigos depositavam grandes esperanças nele. Por exemplo, Mao Kun disse-lhe: “O Estado está ainda açoitado por agitações. Esta ida do senhor é justamente por isso. Espero que o senhor tenha êxito na missão e seja premiado pela corte. Eu devia ter pedido esta missão para o senhor para satisfazê-lo.”²² Tendo assumido o cargo, Wang Bo passou a dedicar-se de corpo e alma ao trabalho, “corrigindo o mau estilo dos mandarins, castigando os déspotas locais, fazendo valer a justiça nos processos, e cumprindo rigorosamente as leis e regulamentos para rectificar a administração.” Três anos depois, foi promovido para o cargo de inspector de Zhejiang, e logo em seguida pediu demissão do cargo e voltou à terra natal.

Na terra natal, Wang Bo continuava a dedicar grande atenção à construção local e aos sofrimentos

do povo. Aproveitando a sua influência, apresentava propostas positivas e razoáveis aos governantes locais. Na *Colectânea das Obras de Qing Feng*, encontram-se muitas cartas ou artigos nesse sentido. No *Registo Distrital de Fu Liang*, lê-se o seguinte:

“Quando (Wang Bo) vivia na terra natal, deu-se a rebelião dos Luopings [乐平] na vila Jingdechen. Ele dirigiu uma carta ao governador Wang Riwei [王日韦], pedindo-lhe que a esmagasse. A falta de caminho dificultava o acesso à vila e (Wang Bo) mandou uma carta sobre o assunto a Shen Pan [沈磐], mandarim encarregado das estradas, e este aceitou a proposta sobre a construção do caminho oficial entre Panyang [鄱阳] e Jiande [建德]. O caminho construído logo em seguida facilita os acessos à vila até hoje”.²³

Além disso, “quando deixou o cargo, vivendo na sua terra natal”, ele “educava os filhos para terem boa moral, serem fiéis ao imperador, respeitarem os velhos e manterem-se honestos”. Daí se depreende que tanto no cargo de mandarim em outras regiões como na terra natal fora do governo, ele tinha muitas qualidades louváveis, e que, em vez de ser um corrupto e mesquinho, ele foi um homem honesto dotado de consciência e senso de justiça.

O ACORDO ENTRE WANG BO
E LEONEL DE SOUSA

Quanto ao acordo entre Wang Bo e Leonel de Sousa, tanto eruditos chineses como estrangeiros publicaram numerosos ensaios. Sobre o conteúdo original do acordo, não se encontraram registos nos materiais em chinês. De acordo com Wang Sicong [汪思聪], sobrinho de Wang Bo, e Wang Fengyuan [汪逢源], seu neto, quando vivo, Wang Bo havia copiado todas as cartas e relatórios, escritos nos cargos assumidos em Guangdong e Zhejiang e dirigidos à corte, que depois “foram encaminhados respectivamente ao governante Lin de Guangdong e ao governante Wang de Zhejiang. Como Wang Bo faleceu antes de ter recebido de volta tais materiais, e os seus descendentes não tinham oportunidade de ir buscá-los, estes documentos por ele propositadamente copiados desapareceram”. Eis uma perda irrecuperável, pois “as dezenas de milhares de caracteres que registam as suas ideias, assim como a sua estratégia e tácticas, tanto para operações militares como para acções de pacificação, deixaram de existir.”²⁴

A FUNDAÇÃO DE MACAU

O único documento em língua ocidental ainda conservado sobre o acordo entre Wang Bo e Leonel de Sousa é uma carta deste, datada de 15 de Janeiro de 1556, dirigida ao infante D. Luís, irmão mais novo do rei D. João III. Leonel de Sousa era capitão da frota comercial portuguesa na China e havia chegado a este país por volta do 32º ano Jia Jing (1553). A sua viagem à China demorou três anos. Quando se encontrava na China, Wang Bo desempenhava o cargo de

Naquelas circunstâncias históricas específicas em que os portugueses procuravam ansiosamente o comércio com a China e manifestavam a sincera disposição de abandonar o mal e passar a praticar o bem, Wang Bo, como principal interessado, agiu flexivelmente, segundo a conjuntura da época, solucionando uma questão espinhosa e, ao mesmo tempo, salvaguardando a soberania e os interesses do Estado.

subintendente marítimo de Guangdong. Em 1555, na véspera da partida de Leonel de Sousa para regressar a Portugal, e justamente quando Wang Bo foi promovido e ia assumir o novo cargo na província de Zhejiang, os representantes de ambos chegaram ao acordo de paz.²⁵

Segundo estudos de Usellis, investigador do Ocidente, o original da carta de Leonel de Sousa está conservado nos Arquivos da Torre do Tombo de Portugal e foi publicado, pela primeira vez, por Jordão de Freitas, na revista *Arquivo Histórico Português* (Lisboa, 1910, volume VIII), e depois publicado de novo por J. M. Braga no livro *Primeiro Acordo Sino-Português* (Macau, 1939), e mais uma vez, como anexo

ao seu ensaio *The Western Pioneers and Their Discovery of Macao (Os Pioneiros Ocidentais e a Descoberta de Macau)*. Nos últimos anos, apareceu a versão em chinês feita por Rui Loureiro,²⁶ facilitando-nos a investigação da verdade desse evento da histórico.

O ensaio de Tan Shibao acima mencionado, assinala: segundo a carta de Leonel de Sousa ao infante D. Luís, através de negociações, Wang Bo e Leonel de Sousa chegaram a um compromisso oral, isto é, ao “primeiro acordo sino-português”, cujos principais pontos foram os seguintes:

1) A China permite a entrada dos barcos mercantes portugueses no território, desde que estes se corrijam e respeitem as leis chinesas. Para isso, os comerciantes portugueses que venham devem mudar a sua denominação — deixando de ser chamados *fulangjis* [佛朗机] e passando a ser “portugueses provenientes de Portugal e Malaca”, a fim de se distinguirem dos *fulangjis*, desonestos comerciantes estrangeiros que se dedicavam ao contrabando e a outras actividades criminosas nas regiões costeiras da China, negando-se a pagar os direitos.

2) Os comerciantes portugueses devem pagar direitos no valor de 20% das mercadorias ou do valor real destas. Eis uma percentagem determinada pelo imperador chinês, que nenhum mandarim local tem o poder de rebaixar.

3) Este acordo só se aplica ao barco comercial a bordo do qual se encontra Leonel de Sousa e aos 17 barcos da frota por ele comandada. Os portugueses devem aprender com o passado, recebendo bem e demonstrando elevado respeito pelos mandarins alfandegários chineses que subam aos barcos para verificação.

4) O compromisso oral deve ser apresentado respectivamente ao imperador chinês e ao rei português, e só após as respectivas autorizações estará confirmado e tornar-se-á um tratado eficaz. Para isso, o subintendente marítimo pede do rei português que envie um embaixador à China, para transmitir o reconhecimento *a posteriori* da qualidade de Leonel de Sousa como representante português às negociações, a fim de transformar o compromisso oral em acordo oficialmente estabelecido.

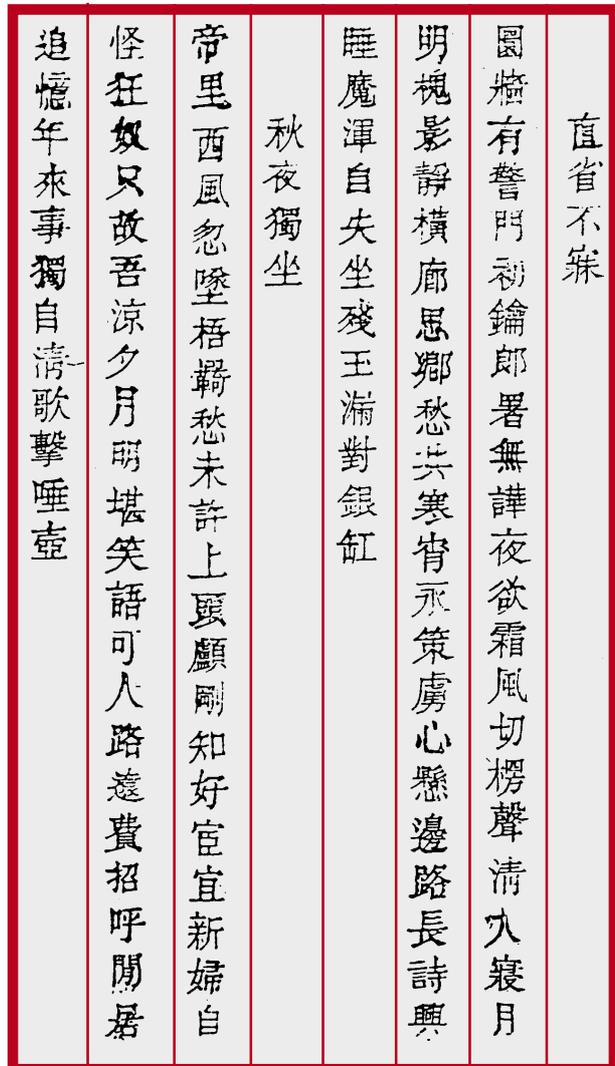
Entretanto, nenhum material até hoje encontrado demonstra que o rei português tivesse enviado embaixador à China, nem o imperador chinês deu ordem para ratificar tal acordo. Mas, enquanto Wang Bo esteve no cargo e após a sua transferência

THE FOUNDING OF MACAU

para outras localidades, o acordo entre ele e Leonel de Sousa foi aplicado e tal aplicação permaneceu. Como se tratava de um acordo oral, em vez de um documento oficial assinado entre ambas as partes, o relatório de Wang Bo, como principal interessado, enviado ao imperador, não foi arquivado na corte. Como consequência, ao estudar este passo da história, os historiadores das gerações seguintes sentem-se mergulhados em dúvidas e nem conseguem determinar a data exacta do acordo. Segundo o conteúdo da carta de Leonel de Sousa, tendo em conta as monções no regresso dele a Portugal, pode-se deduzir que a versão de 1555 deve ser mais próxima da realidade histórica.²⁷

Segundo o conteúdo do chamado “primeiro acordo sino-português”, transmitido por Leonel de Sousa na sua carta, as duas partes — a chinesa e a portuguesa — fizeram-no em pé de igualdade e voluntariamente. Como representante do governo local da província chinesa de Guangdong, ou seja, a parte da soberania, Wang Bo tinha a iniciativa nas negociações. Ele concordou com a entrada legal dos portugueses nos portos abertos da região por ele governada para operações comerciais, exigindo ao mesmo tempo que os portugueses observassem as leis chinesas, obedecessem à administração do governo chinês, respeitassem os mandarins e pagassem os direitos alfandegários. Nisso não existia nenhum problema a prejudicar a soberania chinesa. Naquelas circunstâncias históricas específicas em que os portugueses procuravam ansiosamente o comércio com a China e manifestavam a sincera disposição de abandonar o mal e passar a praticar o bem, Wang Bo, como principal interessado, agiu flexivelmente, segundo a conjuntura da época, solucionando uma questão espinhosa e, ao mesmo tempo, salvaguardando a soberania e os interesses do Estado. Isto, devia ser bastante difícil e de admirar entre os mandarins de uma dinastia feudal em que prevaleciam ideias rigidamente conservadoras. E a verdade é que, posteriormente, os portugueses estabeleceram-se no centro da península de Macau onde instituíram o seu próprio governo autónomo, tendo autonomia parcial sob a administração directa do distrito de Xiangshan [Heong San, 香山] da província de Guangdong.

Depois de 1848, tomaram à força o direito de administração do governo chinês de Guangdong sobre Macau, o que sucedeu devido às diversas alterações nos 300 anos seguintes das histórias tanto chinesa

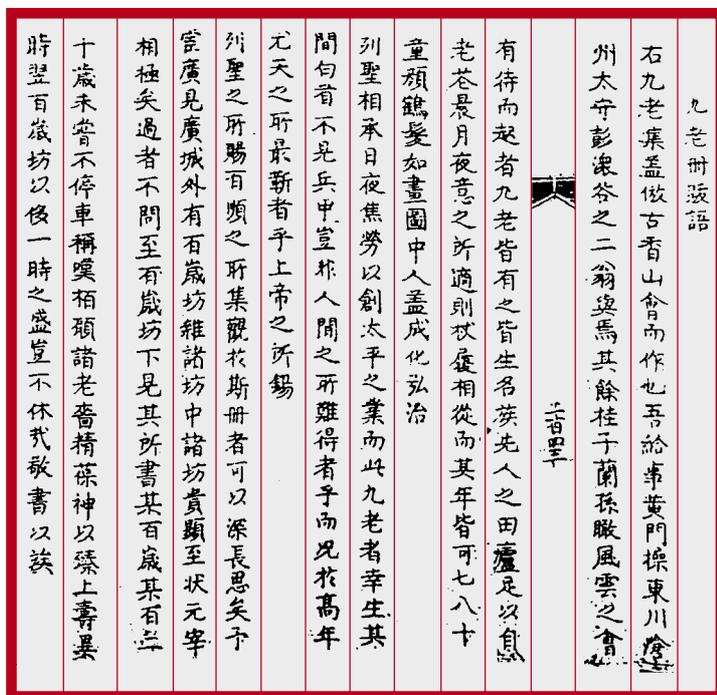


Poemas escritos por Wang Bo descrevem a sua saudade da terra natal, demonstrando a lucidez desta figura histórica.

como do resto do mundo, e isso não pode ser considerado culpa de Wang Bo. Uma afirmação errada bastante divulgada sustentava que as humilhações sofridas pela China na sua diplomacia relativa a Portugal deviam-se à decisão que Wang Bo tinha tomado há mais de 300 anos atrás, sobre a abertura ao exterior, e às suas respectivas políticas e medidas para com os portugueses que vieram à China. Este ponto já foi debatido no ensaio de Tan Shibao,²⁸ pelo que aqui não precisamos de voltar a fazê-lo.

Sobre o acordo oral entre Wang Bo e Leonel de Sousa, divergiam os mandarins da dinastia Ming. O representante da oposição era justamente o inspector Ding Yizhong [丁以忠], superior imediato de Wang

A FUNDAÇÃO DE MACAU



Artigo escrito por Wang Bo sobre uma aldeia de velhos de cem anos de idade, perto da cidade de Guangzhou.

Bo. A *Crónica Geral de Guangdong*, de Lu Cengyu [魯曾煜], da geração seguinte, revela:

“Fazendo tudo segundo as leis e de acordo com a situação no seu conjunto, Ding Yizhong revogou os veredictos injustos de dezenas de pessoas. No seu tempo os *fulangjis*, fazendo caso omisso da proibição, penetravam em Nanao [Macau, 南澳], e o subintendente marítimo Wang Bo, subornado, permitiu a sua entrada, alegando que se podia atrair os comerciantes vindos de longe. Ding Yizhong disse que isto seria inevitavelmente uma perturbação para o leste de Guangdong e insistiu em cancelar a decisão [de Wang Bo].”²⁹

Nascido no distrito de Xinjian [新建], província de Jiangxi, Ding Yizhong foi seleccionado como *jinsshi* no mesmo exame imperial que Wang Bo, mas foi promovido mais cedo do que Wang Bo na carreira. Ding Yizhong tinha Xu Jie [徐階], membro da Grande Academia, como seu protector, e este tinha sido professor daquele. “Entre os candidatos ao exame distrital, Ding Yizhong era famoso pela solicitude para com a mãe. Foi Xu Jie que aprovou Ding Yizhong, tanto no exame provincial como no imperial, promovendo-o ao cargo de *Jinsshi* de primeiro grau.”³⁰ Segundo a lógica, a oposição de Ding Yizhong devia ser suficiente para impedir o plano de Wang Bo, mas este, persistindo na

opinião e alegando as suas razões, acabou por pô-lo em prática, o que demonstra que o núcleo dirigente da corte apoiava a opinião de Wang Bo sobre a entrada dos portugueses em Guangdong com fins comerciais, pois um simples subintendente como ele não tinha competência para permitir a entrada dos comerciantes de um país não tributário em Guangdong, para viverem e comerciarem. Daí, podemos ver que o registo acima citado tinha uma importante falha, isto é, impôs indevidamente o crime de “suborno” a Wang Bo. A seguir, vamos analisar esta questão detalhadamente.

DÚVIDAS SOBRE O SUBORNO DE WANG BO PELOS PORTUGUESES

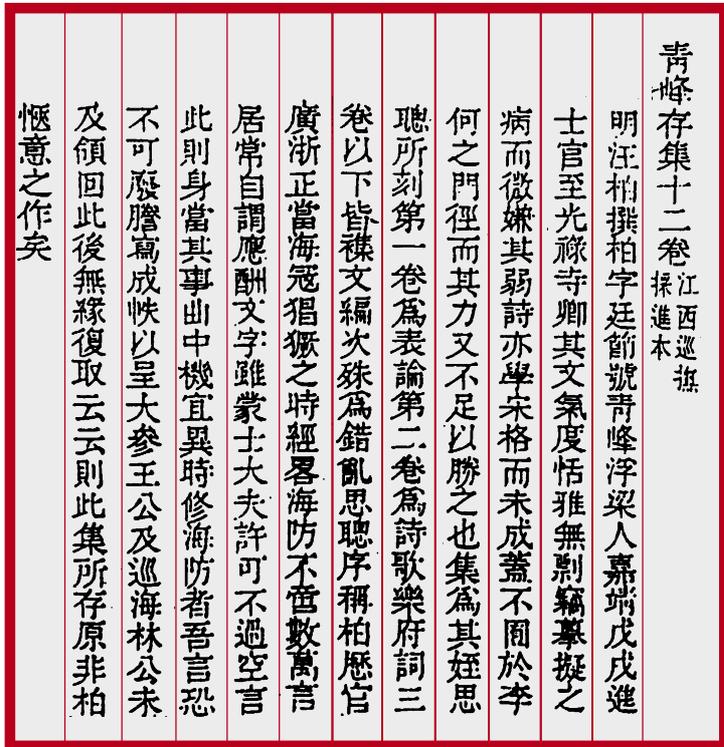
Nos registos dos documentos históricos em chinês, o primeiro a inventar a versão do suborno de Wang Bo foi Guo Fei, autor do *Grande Registo de Guangdong* [Yue Da Ji, 《粵大记》] e de *Crónica Geral de Guangdong*. Guo escreveu nos *Grande Registo de Guangdong*: “Os *fulangjis*, não ligando à proibição, penetravam em Nanao, e o subintendente marítimo Wang Bo permitiu a sua entrada.”³¹

Neste texto, os termos são pouco claros, sem fazerem referência a Macau nem a “suborno”. Mas em *Crónica Geral de Guangdong* diz ele: “No 32º ano Jia Jing, os barcos estrangeiros aproximaram-se de Macau e, a pretexto de repararem os seus danos causados pela tempestade e secarem as mercadorias molhadas, pretendiam usar a localidade. Subornado, o subintendente marítimo permitiu a sua entrada.”³²

O autor diz directamente que “Subornado, o subintendente marítimo permitiu a sua entrada”, mas não especifica se “os barcos estrangeiros” eram portugueses. Posteriormente, ao corrigir a *Crónica Geral de Guangdong*, Lu Cengyu transcreveu um texto do *Grande Registo de Guangdong*, mudando-lhe a frase “Wang Bo permitiu a sua entrada” para “Subornado, Wang Bo, permitiu a sua entrada”. Trata-se da primeira vez que se juntou a versão de Guo Fei de que Wang Bo aceitou o suborno dos barcos estrangeiros em Macau à de que Wang Bo estimulou os *fulangjis* (portugueses) a entrarem em Macau e, com base nisso, inventou-se explicitamente uma nova versão de que Wang Bo aceitou suborno dos portugueses. Os termos usados

nesta versão são tão autênticos que muitos historiadores das gerações seguintes ficaram desorientados e passaram a considerar Wang Bo como principal culpado da “venda de Macau”. Evidentemente, a versão de que Wang Bo aceitou o suborno dos portugueses e lhes cedeu o direito de habitação em Macau foi inventada sem nenhum fundamento pelas gerações seguintes, através de subterfúgios dos materiais históricos ou de ficção, necessitando de provas humanas, materiais ou históricas, tendo inúmeros pontos duvidosos que não resistem à verificação e investigação rigorosas. Além disso, estão conservados um bom número de registos históricos que demonstram a honestidade e a inocência de Wang Bo, suficientes para negarem os crimes sem fundamento que lhe são atribuídos. É lamentável que, no passado, tais registos tenham sido descuidados ou dissimulados pelos historiadores dedicados aos estudos de Macau. Agora, vamos citar alguns exemplos para analisar esta questão:

Primeiro, muitos documentos históricos demonstram que, em vez de um mesquinho que se aproveitava do poder para buscar interesses pessoais, Wang Bo era um excelente mandarim, honesto e recto, de elevadas qualidades morais e intelectuais. Por exemplo, a *Cronologia Geral de Jiangxi*, repetidamente revista desde a dinastia Ming até à República Nacionalista, sempre disse que ele “demonstrou boa moral e desinteresse por luxo e prazeres. Distribuiu os seus vencimentos economizados entre os seus irmãos” e, depois do aniquilamento do bando de piratas encabeçado por He Yaba, ele “não se aproveitou nada dos bens confiscados”. Se fosse um corrupto e quisesse agarrar-se permanentemente às oportunidades de se enriquecer com as desgraças do Estado, as guerras e o suborno, Wang Bo não deveria negociar com os portugueses para estabelecer um acordo de paz e de comércio normal, pois a permanente manutenção da clandestinidade dos comerciantes portugueses na China poderia trazer-lhe, a ele próprio, benefícios muito maiores. Ao comentá-lo, os seus conterrâneos das gerações seguintes escreveram: “Ao ler as suas obras, admiramos cada vez mais a sua pessoa; as suas pinceladas enérgicas demonstram a sua sinceridade e a sua franqueza; seus comentários soam como enormes sinos; as suas mensagens e outras prosas, cheias de

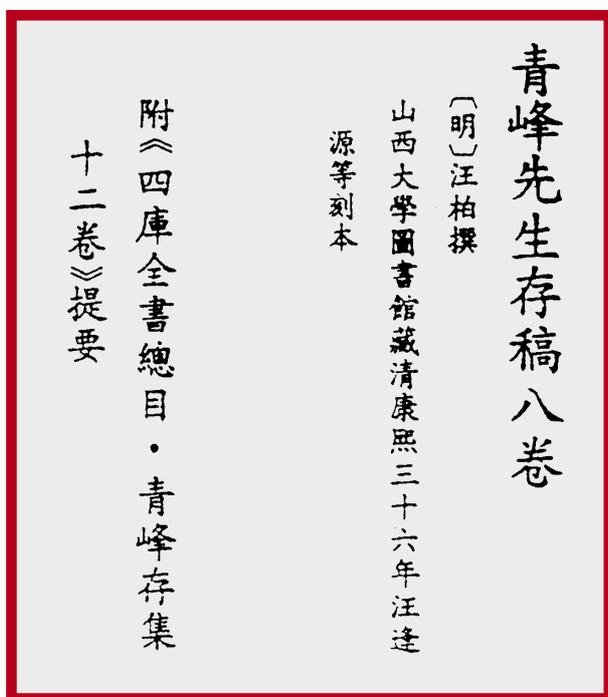


Colecção de Obras de Wang Bo, pp. 106-634.

verdadeiras emoções e sem nenhuma palavra oca, demonstram o seu realismo e a sua lealdade.” Um governante da sua terra natal analisou-o nestes termos: “Sempre desejei ver este grande homem, de tão nobre reputação e tão elevada qualidade intelectual.”³³ Hoje, ao ler a *Colectânea das Obras de Qing Feng*, único livro dele que chegou até aos nossos dias, ficamos profundamente emocionados e acreditamos que as palavras deixadas pelos nossos antepassados quanto a Wang Bo não eram louvores excessivos, pois as suas obras e a sua moral, o seu talento e a sua sabedoria, assim como a sua arte militar, eram realmente de primeira categoria. Foi pena que tenha encontrado tão poucas oportunidades para desenvolver as suas capacidades e realizar o seu ideal. Pior ainda, faleceu muito cedo, e depois da morte, em vez de deixar um bom nome na história, foi pintado de negro devido aos crimes que lhe são atribuídos sem nenhum fundamento e à divulgação de tais boatos, sendo até hoje vítima de uma injustiça inédita. Diante disto, não podemos deixar de nos sentirmos indignados e de termos uma grande simpatia por ele.

Segundo, durante os anos Jia Jing, a competência e as atribuições do subintendente marítimo estavam

A FUNDAÇÃO DE MACAU



Colecção de Obras de Wang Bo.

explicitamente estipuladas. No ano em que Wang Bo assumiu o cargo em Guangdong, ocorreu um caso: Ke Qiao [柯乔], subintendente marítimo da província de Fujian, foi exonerado do cargo por ter degolado alguns piratas por decisão pessoal e sem a devida autorização.³⁴ Wang Bo não devia ignorar este facto. Em comparação com o caso de degola de uns piratas, o acto de permitir a entrada e estabelecimento dos portugueses em Macau era um problema mais grave e, se a autorização fosse feita com suborno, a coisa era muito pior. Além disso, Ding Yizhong, superior imediato de Wang Bo, opunha-se energicamente à medida deste. Se Wang Bo tivesse aceite o suborno, Ding Yizhong ter-se-ia agarrado ao caso, pois também ele era um “homem perspicaz e fervoroso no serviço ao Estado”.³⁵ As divergências entre Ding Yizhong e Wang Bo não passavam de divergências na compreensão e no conceito, de divergências entre a abertura e o conservadorismo. Ding Yizhong nunca disse nem uma palavra que se referisse ao chamado “suborno” de Wang Bo e, como superior imediato deste, não conseguiu vetar a opinião de seu inferior, diferente da dele, o que demonstra que Wang Bo contava com o apoio dos mandarins de maior categoria, excluindo, portanto, as suspeitas de “suborno”.

Terceiro, Guo Fei opunha-se aos contactos com os portugueses e, na divergência entre Wang Bo e Ding

Yizhong, ele ficava naturalmente do lado deste último. Como não compreendia a proposta de Wang Bo e pretendia uma explicação, acusava-o de “suborno” em termos ambíguos. Como a corrupção era quase generalizada durante os anos Jia Jing, a explicação ou acusação feita por Guo Fei parecia razoável, mas, na verdade, contrariava a realidade da história. Ao comentar este período histórico, muitos outros historiadores da região de Guangdong durante as dinastias Ming e Qing [清], registaram objectivamente a entrada dos portugueses em Macau devido à autorização de Wang Bo, sem dizer uma só palavra sobre o chamado “suborno” ou “corrupção” deste. Por exemplo, tanto os *Registos Arqueológicos de Guangdong* [*Guangdong Kao Gu Ji Yao*, 《广东考古辑要》], de Zhou Guang [周广], do reinado de Guangxu [光绪], como a *Monografia de Macau* [*Aomen Ji Lue*, 《澳门记略》], da autoria de Zhang Rulin [Tcheong U Lan, 张汝霖] e Yin Guangren [Ian Kuang Im, 印光任], do reinado de Jiaqing [嘉庆], não adoptaram tal explicação, mas estes últimos citaram na íntegra o trecho do *Registo de Xi Zong, da Dinastia Ming* [*Ming Xi Zong Shi Lu*, 《明熹宗实录》] sobre um outro caso ocorrido no 14º ano Jia Jing (1535): o comandante Huang Qing [黄庆], que, subornado, obteve autorização do superior e permitiu o estabelecimento (dos portugueses) em Haojing [Macau, 濠镜], cobrando-lhes anualmente 20 mil *taéis* de prata. Estes factos demonstram que os autores acima mencionados distinguiram os dois registos de suborno, adoptando um e omitindo o outro.³⁶

Quarto, alguns autores alegam que “foi o comerciante estrangeiro Zhou Luan [周鸾] que, como agente de Leonel de Sousa, subornou Wang Bo”, enquanto outros afirmaram que foi “Leonel de Sousa que, camuflando a sua nacionalidade, subornou Wang Bo”. Para comprovar que Wang Bo recebeu prata das mãos de Leonel de Sousa, citaram a obra *Um Olhar sobre o Japão*, de Zheng Shungong.³⁷ Na realidade, deformaram a ideia original deste historiador. Veja-se o que diz *Um Olhar sobre o Japão — Comércio do Mar*:

“No 33º ano Jia Jing (1554), os barcos dos *fulangjis* chegaram ao mar de Guangdong. Um comerciante forasteiro, de nome Zhou Luan, sob a camuflagem de outra nacionalidade, deu informações falsas ao *aitão* [haidao fushi], subintendente da Defesa Costeira, pagando direitos segundo a prática. O subintendente Wang Bo permitiu que eles

THE FOUNDING OF MACAU

comerciassem com os chineses. Guiados por pequenos barcos também carregados de mercadorias estrangeiras, os estrangeiros negociavam ao pé da cidade de Guangdong, e às vezes até entravam na própria cidade para actividades comerciais”.

Esta citação não se referiu ao chamado suborno feito ao *haidao* por Zhou Luan, que representava os estrangeiros. A versão de que Zhou Luan era intermediário entre Leonel de Sousa e Wang Bo não passava de suposição ou imaginação de certos autores, pois não há nenhuma base ou prova nos registos históricos. Outros autores chegaram a considerar que Zhou Luan e Leonel de Sousa eram, provavelmente, a mesma pessoa. No seu ensaio, Tan Shibao já analisou e criticou esta versão errada e não vamos repetir a argumentação.

Dos registos históricos do Ocidente, os mais citados sobre o suborno de Wang Bo são dois: o primeiro, um texto da carta de Leonel de Sousa, transcrito na obra *The Western Pioneers and Their Discovery of Macao (Pioneiros Ocidentais e a Descoberta de Macau)*, de J. M. Braga; e, o outro, passagens do *Tratado das Cousas da China*, de Gaspar da Cruz, transcritos por Paul Pelliot na “Origem de Macau” e por Montalto de Jesus no *Macau Histórico*. J. M. Braga foi o primeiro a citar a carta de Leonel de Sousa impressa no *Arquivo Histórico Português*, incluindo-a como anexo nas suas obras, e assim despertando interesse e atenção de numerosos eruditos. Fr. Gaspar da Cruz, da Ordem de São Domingos, estava em Guangzhou e em outras regiões da China por volta do 35º ano do reinado Jia Jing (1556), e seu *Tratado* regista o que viu e ouviu naquele país. Na sua obra, editada em Évora em 1569, diz ele que “[...] do ano de cinquenta e quatro a esta parte, sendo capitão-mor Leonel de Sousa, assentou com os Chinas que pagariam seus direitos e que lhes deixassem fazer suas fazendas nos seus portos”. Entretanto, as traduções de línguas ocidentais para o chinês, ou vice-versa, acusavam diferenças e, ao citar os materiais, os autores das gerações seguintes juntavam-lhes, em diferentes graus, a sua própria compreensão subjectiva, ou truncavam o texto para distorcer o sentido, o que desviava a compreensão de certas frases das cartas ou obras, acabando por afectar os estudos. Por exemplo, na carta de Leonel de Sousa, a seguinte frase foi compreendida como prova do suborno de Wang Bo: “Ele pediu-me que recebesse bem os mandarins que fossem a bordo

dos barcos em missão de verificação” (outra tradução: “Ele me pediu que oferecesse grandes presentes aos mandarins”). Entretanto, vamos continuar a leitura da carta: “Desta vez, eles enviaram mandarins para negociarem a paz e determinarem o valor dos impostos. Segundo o costume, e depois de consultar os outros, concordei imediatamente com a proposta [...]; o *haidao* da cidade de Cantão e do reino é um cargo bastante alto, correspondendo ao de almirante, e controla todos os assuntos dos portos, tanto comerciais como militares [...]; estas negociações de paz e dos impostos foram feitas segundo a ordem dele.”³⁸ Destas frases podemos perceber que, como subintendente marítimo de Guangdong do grande império celestial, Wang Bo demonstrou uma atitude de superioridade e inviolabilidade perante os barcos e comerciantes estrangeiros que vieram de longe. Ao pedir que os comerciantes portugueses acolhessem bem e respeitassem os mandarins, ele não visava obter lucros para si mesmo ou para seus subordinados, mas sim para salvaguardar a dignidade de um país soberano, pois advertiu os portugueses no sentido de que, além de observarem as leis e se comportarem bem, tratassem com cortesia e respeito os donos desta terra.

Alguns autores sustentavam que foi Montalto de Jesus que apresentou as mais enérgicas e mais directas provas sobre a corrupção de Wang Bo, dizendo que tais provas demonstram directamente que Wang Bo se apoderou dos 500 *taéis* de prata do foro-do-chão pagos pelos portugueses ao governo da dinastia Ming. Estes alegaram o seguinte argumento: “No início, só pagavam aluguer da terra ao governo chinês, limitando-se a pagar anualmente 500 *taéis* de prata como suborno ao subintendente marítimo de Guangdong. Em 1573, como o caso de suborno foi descoberto por outros mandarins, o pagamento foi transformado em aluguer da terra e passou a ser entregue ao tesouro nacional. Isso continuou até 1849”.³⁹ Entretanto, estudando com cuidado um pouco maior, podemos perceber que esta acusação de suborno contra Wang Bo continua infundada:

Primeiro, na sua obra, Montalto de Jesus assinalou explicitamente que Wang Bo havia dito que os 500 *taéis* de prata eram entregues à corte “iam postos na caixa forte”. Não há nenhuma prova para demonstrar que Wang Bo se havia apoderado dessa quantia de prata. Segundo, os materiais em línguas ocidentais demonstram que o chamado suborno do subintendente marítimo ocorreu no primeiro ano do

A FUNDAÇÃO DE MACAU

reinado de Wanli [万历] (1573), mas Wang Bo havia deixado este cargo no 35º ano Jia Jing (1556), e quando voltou a Guangdong, no 36º ano Jia Jing, ocupou um outro cargo diferente do anterior, e no 38º ano do mesmo reinado foi servir em Zhejiang, e desde então, nunca mais voltou a Guangdong. Dessa forma, como se pode atribuir um caso de suborno, no máximo ocorrido com outros mandarins, a Wang Bo, que havia deixado o cargo em Guangdong havia mais de dez anos? Além disso, o acordo entre Wang Bo e Leonel de Sousa não se referiu directamente ao problema de permitir o estabelecimento dos portugueses em Macau. E a entrada e o estabelecimento dos portugueses teve início em 1557, quando Wang Bo já havia ido para Zhejiang e ocupado outro cargo.

Em suma, a versão de que Wang Bo recebeu suborno dos portugueses e lhes vendeu Macau foi inventada por Lu Cengyu, no reinado de Kangxi, ao juntar e misturar dois registos confusos de Guo Fei. E alguns historiadores das gerações seguintes, ou por falta de materiais suficientes ou utilizando materiais em segunda mão, ou baseando-se em traduções erradas, ou ainda interpretando à vontade os factos segundo sua própria presunção subjectiva, vinham aumentando as incriminações contra Wang Bo, dando origem, assim, a este caso ineditamente injusto na história. Com um estudo objectivo e consciencioso dos factos históricos, chega-se à conclusão de que se devem destruir todas as teses infundadas e fazer justiça a Wang Bo.

Hoje em dia, alguns investigadores e autores, e até parte do povo, seguindo o exemplo do poeta Qiu Fengjia [丘逢甲], ficam indignados com a traição perpetrada pelos portugueses, que, a partir de 1848, se vinham apoderando da administração dos mandarins sobre Macau pela força das armas, e atribuem erradamente a culpa da perda de Macau à política da dinastia Ming, que permitiu o estabelecimento dos portugueses em Macau. Entretanto, a busca da verdade da história depende dos historiadores de mentalidade lúcida e não dos poetas indignados. Sobre o poeta Qiu Fengjia e outros que confundiram a boa política do último período da dinastia Ming e a errada política da dinastia Qing, o ensaio de Tan Shibao apresentou as suas opiniões e críticas,⁴⁰ que aqui não repetiremos.

Agora, Macau já retornou à Pátria. Com os esforços conjuntos dos investigadores chineses e ocidentais, os materiais de referência para o estudo são mais ricos, o intercâmbio dos resultados de estudo tornou-se mais fácil, e os historiadores podem examinar a história do desenvolvimento de Macau com uma visão ainda mais aberta. Acredita-se que as questões pendentes difíceis de resolver poderão ser solucionadas calmamente. Para isso, ao fazer uma retrospectiva da história do estabelecimento da cidade de Macau, devemos reavaliar rigorosamente a posição e o papel positivos de Wang Bo nesta história. **RC**

Originalmente publicado na Edição Chinesa de *Revista de Cultura* (Nrs. 40-41). Traduzido por Fan Weixin.

NOTAS

- 1 Fei Chengkang [费成康], *Os 400 Anos de Macau [Aomen Si Bai Nian, 《澳门四百年》]*, pp. 13-19, Editora Popular de Xangai, 1988; Huang Hongzhao [黄鸿钊], *Programa da História de Macau [Aomen Shi Gangyao, 《澳门史纲要》]*, p. 63, Editora Popular de Fujian, 1991; Huang Qichen [黄启臣], *História de Macau [Aomen Lishi, 《澳门历史》]*, p. 43, Instituto de História de Macau, 1995; Chen Shuwen [陈树文], *Aspectos Gerais de Macau [Aomen Zong Lan, 《澳门总览》]*, p. 11, Fundação Macau, 1996; Yi Fan [一凡], *Sobre Macau [Xian Huan Aomen, 《闲话澳门》]*, Editora San Lian de Xangai, 1999; Zhang Dexing [张德信], "Estudos sobre o Estabelecimento dos Primeiros Portugueses em Macau" ["Putaoya Ren Chu Yu Hao Jing Ao De Lishi Kaocha", 《葡萄牙人初寓澳镜澳在历史考察》] in *Colectânea dos Ensaio do Sétimo Simpósio Internacional da História da Dinastia Ming*, p. 481, Editora da Universidade Pedagógica do Nordeste, 1999.
- 2 Chen Donglin [陈东林], *Turbilhão de Macau [Aomen Xuan Feng, 《澳门旋风》]*, pp. 36-43, Corporação de Editoras de Livros do Universo (Xangai, Xian, Beijing, Guangzhou), 3a. edição, Abril de 1999; Wang Junyan [王俊彦], *Histórias de Macau [Aomen Gu Shi, 《澳门故事》]*, p. 59, Editora de Conhecimentos Mundiais, 1999; Wen Meiping [温美平], *Novela da História de Macau [Aomen Shi Yan Yi, 《澳门史演义》]*, p. 50, Editora Popular de Zhejiang, 1999.
- 3 Intervenção de Tan Shibao no *Simpósio Internacional sobre Macau e a*

Rota de Seda Marítima, realizado em Março de 1999. Investigando alguns importantes problemas dos mais de 400 anos da história de Macau, desde o estabelecimento da cidade, para demonstrar a verdade histórica da negociação de paz entre Wang Bo e Leonel de Sousa, a intervenção foi publicada no n.º 3 de 1999 da revista *Estudos Académicos* sob o título "Algumas Dúvidas sobre o Estabelecimento de Macau" ["Aomen Kai Bu De Ruo Gan Wen Ti", 《澳门开埠的若干问题》].

- 4 Vd. Wu Zongci [吴宗慈], *Registo Geral de Jiangxi [Jiangxi Tong Zhi Gao, 《江西通志稿》]*, volume 72, "Biografias", p. 65. Dai Yixuan [戴裔宣] citou o trecho sem fazer investigações, pois ele tergiversou um facto louvado pela cronologia. Wang Bo dividiu os seus vencimentos acumulados entre seus irmãos, e Dai Yixuan interpretou este acto como prova de que Wang Bo havia recebido um volumoso suborno dos portugueses. No ensaio, Dai diz: "Wang Bo recebeu volumoso suborno, eis um facto indubitável. A cronologia geral de Jiangxi diz no volume 90 que ele havia dividido os seus vencimentos acumulados entre seus irmãos. De onde vieram tão volumosos vencimentos acumulados?" (vd. *Notas e críticas a História da Dinastia Ming — História dos Frangis*, da autoria de Dai Yixuan, p. 73). Não podemos concordar com este ponto de vista, porque a própria cronologia não diz "tão volumosos", nem diz que tais vencimentos acumulados vieram do suborno dos portugueses. Vencimento acumulado significa os vencimentos poupados, não podendo

THE FOUNDING OF MACAU

- este sentido ser interpretado indevidamente como suborno. Além disso, a própria cronologia diz que “onde quer se estivesse, (Wang Bo) demonstrava boa moral e desinteressar por luxo e prazeres”. São termos totalmente positivos e afirmativos.
- 5 Wang Bo, Prefácio da *Colectânea das Obras de Jing Feng* [*Qing Feng Wen Ji*, 《青峰文集》], volume 12, pp. 2-8.
 - 6 Ibidem. Volume 4, p. 16.
 - 7 *Colectânea de obras de Mao Kun* [*Mao Kun Ji*, 《茅坤集》], com revisão e crítica de Zhang Dazhi [张大芝] e Zhang Mengxin [张梦新], volume 12, p. 430: “Prefácio dedicado ao inspector Wang Qingfeng”. Editora de Obras Clássicas de Zhejiang, 1993.
 - 8 Vd. Wang Bo, Prefácio da *Colectânea das Obras de Jing Feng* [*Qing Feng Wen Ji*, 《青峰文集》], volume 1, p. 1.
 - 9 *Obra de Wang Junyan* [*Wang Junyan Shu*, 《王俊彦书》], p. 59.
 - 10 Wang Shizhen [王世贞], *Colectânea de obras de Yue Shantang* [*Yue Shantang Bie Ji*, 《弇山堂别集》], volume 64; *Cronologia dos Assuntos Militares de Governadores das Províncias de Guangdong e Guangxi* [*Zong Du Liang Guang Jun Wu Nian Biao*, 《总督两广军务年表》], p. 1120, Casa de Publicações da China, 1985.
 - 11 Zhang Tingyu [张廷玉], *História da Dinastia Ming* [*Ming Shi*, 《明史》], volume 74, p. 1799, Casa de Publicações da China, 1977.
 - 12 Vd. *Colectânea de obras de Mao Kun* [*Mao Kun Ji*, 《茅坤集》], “Prefácio dedicado ao Inspector-adjunto Wang Qingfeng”: “Quando pequeno, ele ouviu a história de An Qisheng, que se ofereceu para ser conselheiro militar de Xiang Yu, mas que este rejeitou. E An afastou-se. E Huang Shigong, da dinastia Qing, ensinou arte militar a Zi Fang e tornou-se mestre do imperador [...]”.
 - 13 Hu Zongxian [胡宗宪], *Colectânea de Cartas Náuticas* [*Chou Hai Tu Bian*, 《筹海图编》], 3º volume, “Investigação da Situação Militar em Guangdong” [“Guangdong Bin Fang Guan Kao”, 《广东兵防官考》], p. 9; *Registo de Shi Zong da Dinastia Ming* [*Ming Shi Zong Shi Lu*, 《明世宗实录》], volume 436, do Instituto Central de História e Linguística de Taiwan.
 - 14 Vd. *Colectânea das Obras de Jing Feng* [*Qing Feng Wen Ji*, 《青峰文集》], volume 5, p. 11.
 - 15 Ibidem. Volume 6, p. 48.
 - 16 No *Crónica Geral de Guangdong* [*Guangdong Tong Zhi*, 《广东通志》], Huan Zuo [黄佐] regista: “O subintendente Wang Bo estabelece a profissão de agentes de comércio com o exterior, nela trabalham principalmente gente de Guangdong e Hui Quan.” Na obra *Pesquisa da História de Macau* [*Aomen Shi Gou Chen*, 《澳门史钩沉》] (Editora Seng Kwong, 1987, p. 87), Huang Wenkuan [黄文宽] citou o facto como ocorrido no 35º ano Jia Jing (1556), mas esta data está errada, porque já nos anos 1554 e 1555, Zheng Shungong [郑舜功], na sua obra *Um Olhar sobre o Japão* [*Riben Yi Jian*, 《日本一鉴》], se referiu a Zhou Luan como agente de comércio exterior. Assim, pode-se ver que nos primeiros anos do mandato de intendente marítimo, Wang Bo abriu o comércio com o exterior e elaborou os respectivos regulamentos. Vd. Liang Jiabin [梁嘉彬], *Estudos das Treze Companhias de Guangdong* [*Guangdong Shi San Hang Kao*, 《广东十三行考》] pp. 43-45, Editora Popular de Guangdong, 1999.
 - 17 Vd. Hu Zongxian [胡宗宪], *Colectânea de Cartas Náuticas* [*Chou Hai Tu Bian*, 《筹海图编》], 3º volume, p. 18.
 - 18 *Registo de Shi Zong da Dinastia Ming*, volume 421, Abril do 34º ano Jia Jing.
 - 19 *Colectânea de obras de Mao Kun* [*Mao Kun Ji*, 《茅坤集》], “Prefácio dedicado ao inspector Wang Qingfeng”: “Assumindo o cargo de subintendente, deve comandar as forças armadas para desencadear ofensivas, divulgando sua reputação na arte militar.”
 - 20 *Registo de Shi Zong da Dinastia Ming*, volume 441, de Novembro do 35º ano Jia Jing; *Obras de Mao Kun*, volume 30, *Registo da Aniquilação de Xu Hai* [*Ji Jiao Xu Hai Ben Mo*, 《纪剿徐海本末》]; *Contactos Amistosos entre Yan e Hu e os ataques aos piratas nipónicos no Sudeste durante os anos Jia Jing* [*Yan Hu Jiao Yi Yu Jia Jing Dong Nan Kang Wo*, 《严胡交谊与嘉靖东南抗倭》], incluído na *Colectânea de Ensaios do Sexto Simpósio Académico Internacional da História da Dinastia Ming*, pp. 773-797, Editora Huangshan, 1997.
 - 21 *Colectânea de obras de Mao Kun* [*Mao Kun Ji*, 《茅坤集》], com revisão e crítica de Zhang Dazhi [张大芝] e Zhang Mengxin [张梦新], volume 12, pp. 430-431.
 - 22 Ibidem.
 - 23 Vd. *Colectânea das Obras de Jing Feng* [*Qing Feng Wen Ji*, 《青峰文集》], 1º volume, p. 10.
 - 24 Cheng Tingjixiu [程廷济] e Lin Rujin [凌汝锦], *Registo Distrital de Fuliang* [*Fuliang Xian Zhi*, 《浮梁县志》], 8º volume, “Biografias”, p. 155, do 48º ano do reinado de Qianlong.
 - 25 Vd. Tan Shibao, “Algumas Dúvidas sobre o Estabelecimento de Macau” [“Aomen Kai Bu De Ruo Gan Wen Ti”, 《澳门开埠的若干问题》] in *Estudos Académicos*, nº 3, 1999.
 - 26 Usellis, *Origem de Macau*, p. 42, Museu Marítimo de Macau 1997; Jin Guoping [金国平], “Leonel de Sousa e Wang Bo” [“Leonel de Sousa Yu Wang Bo”, 《莱奥内尔·德·索萨与汪伯》], in *Estudos de Macau* [*Aomen Yan Jiu*, 《澳门研究》], número 7, pp. 122-143, Fundação Macau, 1998.
 - 27 A tradicional versão era do 32º ano Jia Jing (1553), baseada principalmente na *Crónica Geral de Guangdong*, de Guo Fei [郭斐], e na *Monografia de Macau* [*Aomen Ji Lue*, 《澳门记略》], de In Kuang In [Yin Guangren, 印光任] e Tcheong U Lan [张汝霖] do reinado de Guangxu [光绪]. Evidentemente, a versão da *Monografia de Macau* foi feita sob a influência do *Crónica Geral de Guangdong*, e a desta não passa de uma dedução aproximada, tendo em conta que Wang Bo assumiu o cargo no 32º ano Jia Jing e não podia ter permitido a entrada dos portugueses em Macau antes dessa data. Além disso, havia outras versões, como por exemplo o 33º e 34º anos Jia Jing. Alguns autores assinalaram que isso resultou da tradução imprecisa entre as línguas ocidentais e a chinesa. Vd. o ensaio de Tan Shibao (cf. nota 3), pp. 63-65.
 - 28 Tan Shibao, “Sobre os Êxitos e as Falhas da Política Externa dos Fins da Dinastia Ming e dos Fins da Dinastia Qing [...] Tendo a Questão de Macau como Centro”, in *Cultura do Oriente*, número 6, 1999, Guangzhou.
 - 29 Lu Cengyu [鲁曾煜], *Crónica Geral de Guangdong*, 40º volume, “Biografia de Ding Yizhong” [“Ding Yizhong Zhuan”, 《丁以忠传》], p. 39.
 - 30 Wang Shizhen [王世贞], *Continuação da Colectânea de Yue Zhou* [*Yue Zhou Xu Ji*, 《弇州续集》], rolo 3.
 - 31 Guo Fei, *Grande Registo de Guangdong* [*Yue Da Ji*, 《粤大记》], volume 9, p. 243, Editora da Universidade de Sun Yantzen, Guangzhou, 1998.
 - 32 Guo Fei, *Crónica Geral de Guangdong*, volume 69, “Macau”, p. 72, do 30º ano do reinado de Wanli.
 - 33 Vd. *Colectânea das Obras de Jing Feng* [*Qing Feng Wen Ji*, 《青峰文集》], 1º volume, pp. 1-10.
 - 34 *Registo de Shi Zong da Dinastia Ming*, volume 396, de Março do 32º ano Jia Jing: “Exonera-se Ke Qiao do cargo de subintendente marítimo, a fim de prender os piratas estrangeiros, com a ordem de matá-los sem esperar autorização.”
 - 35 Vd. Lu Cengyu [鲁曾煜], *Crónica Geral de Guangdong*, 40º volume: “Funcionários Famosos” [*Ming Huan*, 《名宦》], p. 38.
 - 36 Tchong U Lan e In Kuang In, *Monografia de Macau*, p. 20.
 - 37 Vd. Huang Qichen [黄启臣], *História de Macau* [*Aomen Lishi*, 《澳门历史》], p. 45.
 - 38 Vd. Tan Shibao, “Sobre os Êxitos e as Falhas da Política Externa dos Fins da Dinastia Ming e dos Fins da Dinastia Qing [...] Tendo a Questão de Macau como Centro”.
 - 39 Cf. C. A. Montalto de Jesus, *Macau Histórico*, Livros do Oriente, Macau, 1990.
 - 40 Vd. Tan Shibao, “Sobre os Êxitos e as Falhas da Política Externa dos Fins da Dinastia Ming e dos Fins da Dinastia Qing [...] Tendo a Questão de Macau como Centro”.